vinetur

Especialistas alertam que videiras de viveiro podem não estar isentas de doenças

Recomendam aos viticultores que exijam registos recentes de análises e rastreabilidade, pois os vírus podem custar até 4.000 dólares por acre e por ano

terça-feira, 3 de novembro de 2026



Um grupo de especialistas em videira alertou, a 1 de novembro, que os viticultores que planeiam novas vinhas ou a replantação de parcelas antigas não devem presumir que as videiras compradas num viveiro estão isentas de doenças prejudiciais. Os especialistas afirmaram que os compradores devem exigir resultados recentes de análises e uma rastreabilidade clara até às plantas-mãe, cuidadosamente selecionadas.

O alerta foi publicado na WineBusiness Monthly, num artigo assinado por 23 colaboradores ligados ao setor vitícola e ao programa para a videira da National Clean Plant Network. Os autores afirmaram que existe material de plantação são nos Estados Unidos, mas que os viticultores devem fazer perguntas detalhadas antes de encomendar, uma vez que muitos viveiros trabalham tanto com material analisado como com material não analisado.

A mensagem principal foi clara: uma videira vendida por um viveiro não é automaticamente uma videira sã. Segundo os autores, muitos viticultores continuam a presumir que o material de viveiro já foi analisado para detetar os principais agentes patogénicos. Afirmaram que essa presunção pode sair cara se for plantado material infetado, que pode permanecer no terreno durante anos.

O artigo define material de plantação são como um garfo ou porta-enxerto propagado a partir de “videiras-mãe de base sãs”, submetidas a análises extensivas e consideradas isentas de vírus e outros agentes patogénicos com importância económica. A lista inclui o vírus do entrenó curto da videira, os vírus do enrolamento foliar, a doença da mancha vermelha, a doença de Pierce e fitoplasmas. Os autores assinalaram também uma importante limitação do sistema: nos Estados Unidos, as videiras-mãe de base sãs não são analisadas para detetar Allorhizobium vitis, a bactéria associada à galha-da-coroa, nem fungos que colonizam a madeira e estão associados a doenças do lenho.

Os especialistas afirmaram que as videiras-mãe de base sãs são normalmente produzidas e mantidas por Clean Plant Centers afiliados à National Clean Plant Network, um programa do Serviço de Inspeção da Saúde Animal e Vegetal do USDA. Esses centros estão localizados na Califórnia, Florida, Missouri, Nova Iorque, Carolina do Norte e Washington. Segundo o artigo, o seu trabalho depende do financiamento do setor, de verbas federais e do apoio institucional.

A produção de uma videira-mãe de base sã é lenta e dispendiosa. Os autores afirmaram que o processo demora normalmente cerca de cinco a 10 anos e pode custar cerca de 10.000 a 15.000 dólares por videira-mãe de base. Começa com análises intensivas, que incluem sequenciação de alto débito, bioinformática e ensaios baseados na reação em cadeia da polimerase. Depois de integrada numa coleção de videiras-mãe de base sãs, cada videira continua a ser monitorizada todos os anos para garantir que não foi infetada por agentes patogénicos transmitidos por vetores de insetos ou outras pragas, incluindo cochonilhas-farinhentas, cochonilhas-moles, cicadelídeos, membracídeos, fulgoromorfos, psilídeos, cigarrinhas e nemátodes-daga.

Como os centros de plantas sãs mantêm apenas um pequeno número de cada acesso de videira-mãe de base sã, os viveiros recebem material de propagação e multiplicam-no em gerações posteriores. Segundo o artigo, essas primeiras plantas sãs de base são designadas videiras G1. O material segue depois para blocos de multiplicação dos viveiros, onde dá origem a material G2, G3 ou, por vezes, G4, antes de ser utilizado para produzir videiras enxertadas ou de pé-franco para venda. Esta multiplicação é essencial para o abastecimento comercial, mas os autores afirmaram que também aumenta as oportunidades de reinfeção à medida que o material se afasta da fonte original G1.

As análises e a supervisão nesta fase não são uniformes em todo o país. O artigo refere que as videiras de gerações posteriores são normalmente monitorizadas à escala da vinha, e não planta a planta, e que os programas estaduais de certificação diferem muito tanto na frequência das análises como nos protocolos utilizados. A National Clean Plant Network não é responsável por esse trabalho de certificação ao nível dos viveiros.

É por essa razão que os autores recomendaram aos viticultores que encarem a compra de plantas mais como um controlo sanitário documentado do que como uma encomenda de rotina. Recomendaram que as encomendas fossem feitas pelo menos um ano antes da plantação e que se perguntasse exatamente que análises a agentes patogénicos foram realizadas nas plantas-mãe utilizadas na propagação. Aconselharam também os viticultores a pedir resultados negativos recentes de um laboratório fiável e a perguntar quem realizou as análises, quando foram feitas e que métodos foram utilizados.

O artigo aconselhou os viticultores a ir mais longe sempre que possível. Uma das recomendações foi visitar os blocos de plantas-mãe do viveiro no outono, quando é mais fácil observar os sintomas de algumas doenças da videira. Outra foi perguntar se o material de garfo e porta-enxerto da encomenda provém de videiras G2, G3 ou G4 que tenham tido resultados negativos para agentes patogénicos e pragas indesejáveis durante pelo menos dois anos consecutivos. Se a confiança continuar a ser reduzida, os autores afirmaram que os viticultores devem ponderar recolher eles próprios amostras das plantas-mãe que serão utilizadas na encomenda e enviá-las para um laboratório cuja precisão tenha sido verificada de forma independente.

O alerta surge num momento difícil para o setor vitícola dos Estados Unidos. Os autores afirmaram que os viticultores de todo o país enfrentam padrões meteorológicos invulgares, alterações na procura do mercado, novas políticas nacionais e instabilidade no comércio internacional. Na Califórnia, disseram, foram arrancados milhares de acres de vinha no âmbito de um doloroso processo de reestruturação. Ainda assim, defenderam que as futuras plantações devem ser cuidadosamente planeadas e assentar em material são, para que o próximo ciclo de investimento não comece com problemas sanitários evitáveis.

Para as adegas e para o setor das bebidas em geral, a questão vai além da gestão agrícola. O material de plantação infetado pode encurtar a vida útil da vinha, enfraquecer o crescimento das videiras e reduzir a produção, aumentando os custos de replantação e diminuindo a estabilidade do abastecimento a longo prazo. Os autores afirmaram que os vírus com importância económica também podem baixar a qualidade da uva e alterar as características sensoriais do vinho, pelo que o estado sanitário do material de plantação pode ter consequências para a qualidade das uvas, os custos de produção e o vinho final.

Os autores quantificaram esse risco, estimando que os vírus com impacto económico podem custar até 4.000 dólares por acre e por ano, devido à redução do vigor, da produção e da qualidade da uva, bem como a plantações que falham ou ficam aquém do esperado. O artigo incluiu uma comparação entre parcelas de vinha instaladas com material mais são e menos são, que mostrava um avermelhamento visível das folhas associado à doença do enrolamento foliar na parcela mais debilitada.

Ao mesmo tempo, os autores afirmaram que a compra de videiras sãs não é, por si só, uma solução completa. Depois da plantação, o material são tem de continuar a ser protegido através de boas práticas vitícolas, vigilância regular e controlo dos vetores de doenças. Por outras palavras, começar com material são reduz o risco, mas não dispensa a gestão contínua da vinha.

Entre os colaboradores do artigo estavam investigadores universitários, técnicos de extensão rural, responsáveis de viveiros, funcionários dos serviços agrícolas estaduais, um representante de uma adega e outros especialistas do setor. Muitos são membros ou afiliados do conselho para a videira da National Clean Plant Network. A conclusão comum foi que existe material de plantação são no mercado, mas os viticultores têm de o escolher ativamente, em vez de presumirem que o estão a receber.

Isso significa fazer mais perguntas antes de avançar com o pagamento. Significa também encarar a rastreabilidade e os registos de análises como parte integrante do próprio produto. Para os viticultores que preparam a próxima parcela de vinha, afirmaram os autores, esse nível de exigência pode fazer a diferença entre uma plantação rentável e anos de problemas com origem nas primeiras videiras colocadas no terreno.